

MIGRAÇÃO E COTIDIANO DOS CORTADORES DE CANA DO MUNICÍPIO DE ERERÊ/CE: mãos sobre o facão, olhos para o calendário

MIGRATION AND EVERYDAY OF CANE CUTTERS OF ERERÊ/CE MUNICIPALITY: hands on the machete, eyes for the calendar

Rosalvo Nobre Carneiro

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte,
Curso de Geografia, Campus de Pau dos Ferros, RN, Brasil
rosalvonobre@uern.br

Conceição Kévia Firmino da Silva

Licenciada em Geografia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte,
Campus de Pau dos Ferros, RN, Brasil
keviasilvageo@gmail.com

Resumo

O Brasil é o maior produtor da cana-de-açúcar desde 1980, e São Paulo o maior produtor nacional com mais de 51% do total. O mercado de trabalho, apesar da modernização da canavicultura, ainda contribui para as dinâmicas migratórias do país. Deste modo, buscou-se compreender o cotidiano dos trabalhadores migrantes no interior de São Paulo. A contextualização analisa a migração sazonal dos cortadores de cana de Ererê/CE em direção à Avaré/SP. Para tanto, fundamentou-se em Moraes et al. (2008), Costa; Guimero (2009), Stecanela (2009), Queiroz (2011), Santos; Souza (2012), Beltrão (2012), Thomaz Junior (2017, 2019) e Tuan (2013). Além disso, entrevistaram-se os cortadores de cana através do *Whatsapp*, dada as dificuldades de acesso direto. Desse modo, identificou-se o principal motivo para o deslocamento dos cortadores de cana na falta de emprego no município de origem. Assim, os migrantes se deslocam em busca de melhores condições financeiras. Constatou-se que as condições de trabalho apresenta carga horária excessiva, consequentemente, gerando exaustão, além da alimentação inapropriada, com condições precárias de vida. Com isso, percebe-se que a cada período mais intenso de trabalho com o facão nas mãos, os migrantes safristas ficam ansiosos e esperançosos com o propósito de retorno para o lugar de origem.

Palavras-chave: Migração Sazonal. Cotidiano. Trabalho.

Abstract

Brazil is the largest sugarcane producer since 1980, and São Paulo the largest national producer with over 51% of the total. Despite the modernization of sugarcane, the labor market still contributes to the country's migratory dynamics. Thus, we sought to understand the daily lives of migrant workers in the interior of São Paulo. The

contextualization analyzes the seasonal migration of sugarcane cutters from Ererê / CE towards Avaré / SP. Therefore, it was based on Moraes et al. (2008), Costa; Guimero (2009), Stecanela (2009), Queiroz (2011), Santos; Souza (2012), Beltrão (2012), Thomaz Junior (2017, 2019) and Tuan (2013). In addition, sugarcane cutters were interviewed through Whatsapp, given the difficulties of direct access. Thus, the main reason for the displacement of sugarcane cutters in the absence of employment in the municipality of origin was identified. Thus, migrants move in search of better financial conditions. It was found that working conditions have excessive workload, consequently generating exhaustion, in addition to improper feeding, with poor living conditions. With this, it is clear that with each more intense period of machete work, safristas migrants become anxious and hopeful with the purpose of returning to their place of origin.

Keywords: Seasonal Migration. Daily life. Job.

Introdução

A migração ainda é uma prática que ocorre na contemporaneidade, sendo entendida como um deslocamento de indivíduos dentro de um espaço geográfico com objetivos variados. Tais deslocamentos podem ocorrer de forma temporária ou permanente, motivados por questões religiosas, culturais e principalmente, por questões econômicas.

Quando esta migração se dá por estas últimas questões, acredita-se que o sistema migratório “pauta-se” em melhores condições de vida, nos quais grupos de pessoas tendem a deixar sua própria região, deslocando-se para áreas de sistemas produtivos que concentram “melhores” oportunidades de trabalho. Por esta razão, enfoca-se, aqui, a migração sazonal, que, segundo Cardoso; Alves (2014) se caracteriza pelo deslocamento temporário de pessoas, sendo evidenciada como uma estratégia de sobrevivência de inúmeros trabalhadores rurais.

Segundo Queiroz (2011), a migração da força de trabalho ocorre pelas necessidades que o indivíduo apresenta no seu contexto social e, para que haja a sobrevivência desses sujeitos, é necessário que se desloquem de sua região de origem.

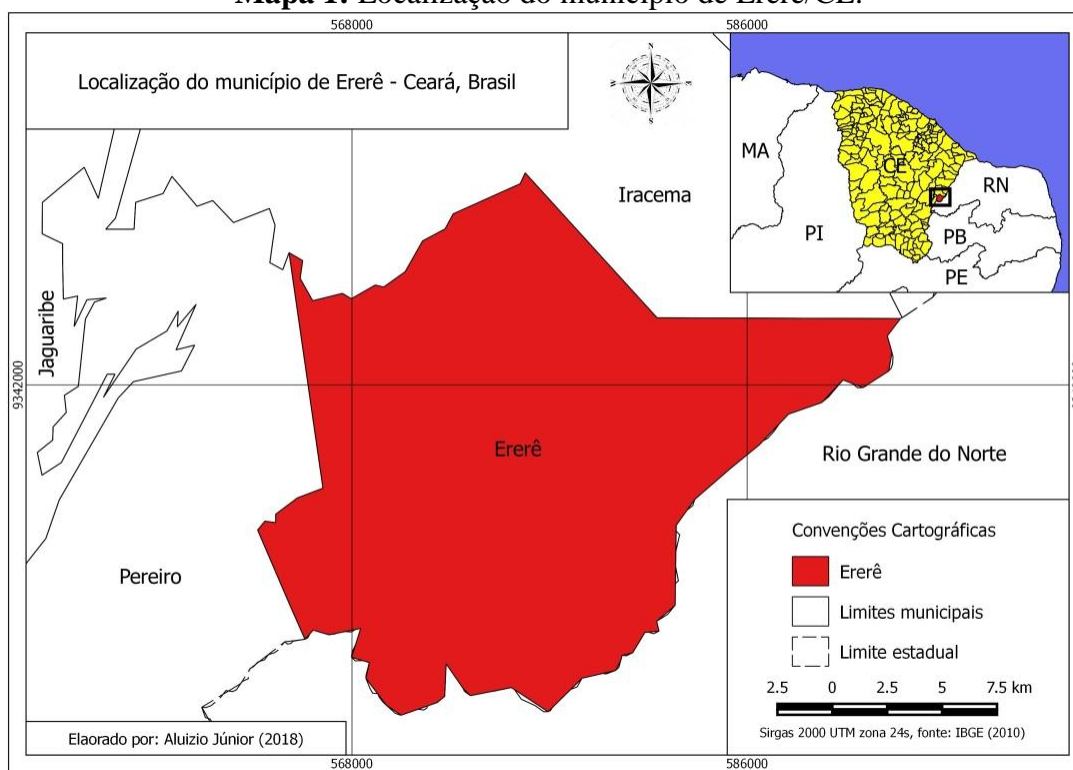
Para tanto, parte da mobilidade dos indivíduos passa a fazer parte do seu cotidiano, sendo interpretado como algo comum ou banal, estando associado à ideia de presente, ligando-se a algo que acontece todos os dias, resultando, conseqüentemente, em rotina (STECANELA, 2009). Dessa forma, torna-se necessário aprender e compreender um cotidiano que, embora esteja presente, mantém-se, em alguns momentos, distante de nós.

Assim, para adentrar e conhecer o cotidiano de alguém, é essencial detalhar para que possamos chegar a uma percepção mais esclarecida daquilo que pretendemos investigar.

Paralelamente a isso, migrar em busca de uma vida melhor faz parte de um processo de sobrevivência. No entanto, buscar conhecer e adentrar no cotidiano de um trabalhador é não deixar passar despercebida sua profissão. Nessa perspectiva, buscamos compreender como os cortadores de cana lidam com as mudanças de seu cotidiano, ao migrarem do município de Ererê/CE para exercer a prática do corte da cana em plantações canavieiras no interior paulista. Com isso, foi necessário caracterizar o cotidiano destes trabalhadores canavieiros e identificar as razões da sua migração.

O município de Ererê está localizado na porção sudeste do estado do Ceará – (CE), com uma extensão territorial de 396 km² (IBGE, 2010). Sua população é de 6.853 habitantes, sendo 3.392 da zona rural e 3.461 da zona urbana. O município tem como limites territoriais os municípios de Doutor Severiano/RN e Encanto/RN ao sul, São Francisco do Oeste/RN a leste, Pereiro/CE a oeste, Iracema/CE a Norte (IBGE, 2010) (**Mapa 1**). Segundo o IBGE (2010), a renda *per capita* anual do município é de R\$ 6.448,35, a taxa de escolarização é de 6 (seis) a 14 (quatorze) anos de idade.

Mapa 1: Localização do município de Ererê/CE.



Fonte: Bezerra Junior, 2018.

Deste modo, este trabalho foi dividido em 3 seções, optando por deixar a metodologia separada a fim de melhor detalhá-la, considerando a abordagem mista empregada, com ênfase nos aspectos qualitativos. Na sequência são discutidos os resultados e, por fim, algumas considerações finais.

Percurso metodológico

A nossa metodologia teve como foco uma abordagem qualitativa como método de pesquisa, baseado nas ideias de Dalfovo; Lana; Silveira (2008), os quais explicam que este tipo de metodologia investiga informações coletadas através da pesquisa de campo, que podem ocorrer por meio de fotografias, entrevistas e com o auxílio da linguagem oral.

Diante disso, os sujeitos escolhidos para pesquisa foram os trabalhadores que migram para o trabalho manual do corte da cana de açúcar do município de Ererê para o município de Avaré/SP. Os cortadores de cana foram identificados em pesquisa de campo, no ano de 2018 obtendo-se um quantitativo de 40 (quarenta) pessoas. Optamos por uma amostragem absoluta de 4 (quatro) trabalhadores migrantes, considerando uma amostragem relativa de 10% da população total (**Quadro 1**).

Quadro 1 – Identificação dos trabalhadores entrevistados

Perfil dos entrevistados	M.	Dados Básicos	26 anos, solteiro, sem filhos, reside em zona rural, ensino médio incompleto.	Origem do trabalhador	Ererê/CE	Destino	Avaré/SP	Função	Cortador de cana	Data de entrevista	25/09/18					
	D.											19 anos, solteiro, reside em zona urbana, ensino fundamental incompleto.	Ererê/CE	Avaré/SP	Cortador de cana	05/10/18
	F.											26 anos casado, sem filhos, reside em zona urbana, ensino médio incompleto.	Ererê/CE	Avaré/SP	Cortador de cana	08/10/18
	P.											25 anos, solteiro, sem filhos, reside em zona rural, ensino fundamental incompleto.	Ererê/CE	Avaré/SP	Cortador de cana	05/10/18

Fonte: Pesquisa de campo, 2018.

O foco principal foi trabalhar a linguagem oral que, segundo Chiapetti (2010), apresenta uma abordagem significativa, pois valoriza os aspectos descritivos e as percepções pessoais. Além disso, na história oral o indivíduo entrevistado tem a autonomia de registrar suas emoções, seus sentimentos e olhares já que estes vivenciam suas experiências cotidianamente.

Os recursos utilizados para a realização dessa pesquisa foram: câmera fotográfica, aplicativos virtuais de comunicação (whatsapp), e-mails e um celular para gravar as conversas com os trabalhadores, tendo como objetivo compreender como ocorre a migração para o corte de cana e quais as mudanças existentes em seu cotidiano a partir dessa atividade.

Dividiu-se a pesquisa em 4 (quatro) etapas. Na primeira, fizemos uma pesquisa bibliográfica para a construção do referencial teórico, buscando compreender o processo migratório com foco no cotidiano dos trabalhadores. Para isso, conforme Queiroz (2011), a migração ocorre por conta das necessidades do indivíduo. Santos e Souza (2012) apontam as questões da venda da força de trabalho, associando-se ao trabalho assalariado. Guanais (2014) trata das condições de vida dos cortadores de cana. Novaes (2007) destaca a saudade tanto do trabalhador migrante como dos familiares que ficam a sua espera.

A segunda etapa se deu através de conversas prévias e informais com os trabalhadores canavieiros, aproveitando-se do momento das suas estadias no município de Ererê. Neste momento, foi explicado como seria pautado o trabalho para os entrevistados, comentando os objetivos e os tipos de perguntas que seriam realizadas para a execução da pesquisa. Diante das propostas apresentadas, houve o consentimento prévio e a vontade de colaboração dos cortadores.

A terceira etapa aconteceu através de registros fotográficos nos quais demonstram alguns momentos simbólicos da jornada migratória, por exemplo, com a saída dos migrantes de Ererê e suas vivências em Avaré.

Na quarta fase, houve a realização de entrevistas por meio do aplicativo whatsapp, onde este contribuiu com a difusão e acessibilidade para com os cortadores de cana, tendo em vista que os trabalhadores já se encontravam realizando suas funções no setor rural da cana de açúcar em Avaré.

Assim sendo, Foram realizadas perguntas abertas, no total de 25 (vinte e cinco) questões. As 05 (cinco) primeiras foram relacionadas às questões sociais, abordando a

identificação pessoal dos entrevistados. Da sexta a décima pergunta, o objetivo foi saber das temporalidades dos cortadores no trabalho dos canaviais; da décima primeira à décima sexta, perguntou-se sobre a realização do deslocamento, as condições de trabalho e refeições. Da décima sétima a vigésima terceira foram perguntas relacionadas ao tempo de safra e ao que se refere as folgas, as quais destacando os sentimentos mais frequentes. A vigésima quarta e a vigésima quinta foram perguntas relacionadas as condições de melhoramento no trabalho manual do corte de cana e a definição em uma só palavra do que seria o processo migratório.

Destaca-se o seguimento de procedimentos visando a resguardar a identidade dos sujeitos entrevistados e a redução de riscos pessoais, já que se submeteu o estudo ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UERN. Seguiu-se, assim, a adoção da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE e o termo de autorização para uso de áudio.

A expectativa de ida e a partida como esperança de uma vida melhor

O Brasil é considerado o maior produtor de cana-de-açúcar do mundo. Neste sentido, é extenso o número de pessoas que se deslocam para trabalhar no corte de cana. Esta atividade sempre intensa por meio da migração sazonal, pois os safristas migram em busca de melhores condições socioeconômicas.

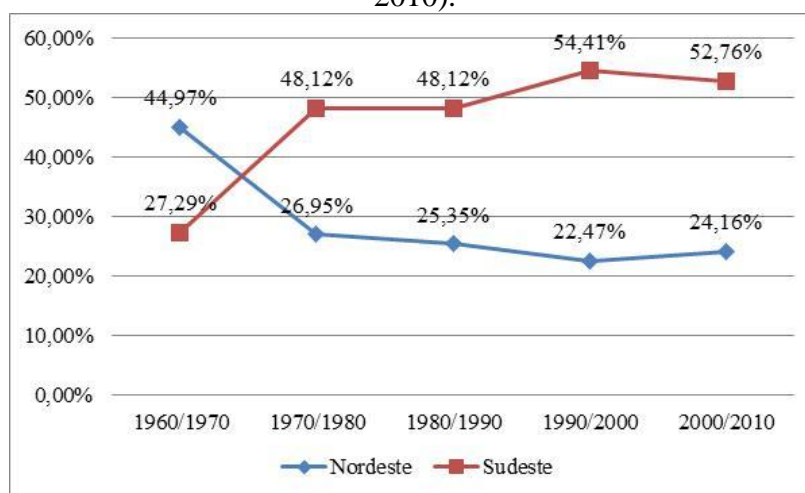
Moraes *et al.* (2008) afirmam que milhares de trabalhadores brasileiros migram para o estado de São Paulo para trabalhar no corte manual da cana de açúcar. Geralmente, estes migrantes são de regiões mais pobres, realizando as migrações devido à falta de oportunidade e por conta das baixas condições econômicas da região de origem, que contribui para que os habitantes migrem. Surge, então, nos trabalhadores, um sentimento de preocupação no que diz respeito ao futuro. Afinal, estes indivíduos continuam saindo de sua região e partindo para outros estados, como São Paulo.

Migrar em busca de uma vida melhor faz parte das expectativas de muitos trabalhadores brasileiros. Assim, a ida dos cortadores migrantes de Ererê é marcada por sonhos, expectativas e mudanças de vida, carregando em si a esperança de uma vida melhor, a partir de um trabalho remunerado que possa suprir suas necessidades e a de seus familiares.

Nessa perspectiva, Costa e Guimero (2009), afirmam que a migração é algo que tende a ser necessária, já que o principal objetivo é melhorar as condições de vida dos trabalhadores migrantes, para que se possa oferecer uma vida digna para seus familiares, visto que em sua localidade não há um “estilo de vida confortável”. Buscando situar a questão no âmbito dos fluxos gerais de pessoas no território nacional, considerando a emigração regional e estadual, destaca-se o estado do Ceará entre 1960 e 2010.

Do ponto de vista histórico, as emigrações de cearenses podem ser analisadas em duas dimensões espaciais, a emigração Ceará-Regiões do Brasil (**Gráfico 1**) e a emigração Ceará-estados das federações.

Gráfico 1: Evolução das emigrações do Ceará para o Nordeste e o Sudeste (1960-2010).



Fonte: Elaborado a partir de Queiroz; Baeninger (2015).

Analisando as emigrações do Ceará para outras regiões do Brasil, percebe-se uma inflexão temporal espaço-temporal, assim, entre 1970/1980 o Nordeste perdeu para São Paulo o posto de principal área de destino dos Cearenses. A partir de 1970, por seu dinamismo econômico, a região paulista consolida-se como espaço de atração populacional. Para Queiroz; Baeninger (2015), o Nordeste se destacou no período de 1960/1970 ao receber 155.169 pessoas ou 44,97% do total de emigrantes, superando a participação do Sudeste, que atraiu 94.152 (27,29%) indivíduos. Durante as décadas seguintes, no entanto, aquela região figurou em segundo lugar como área de atração da população cearense.

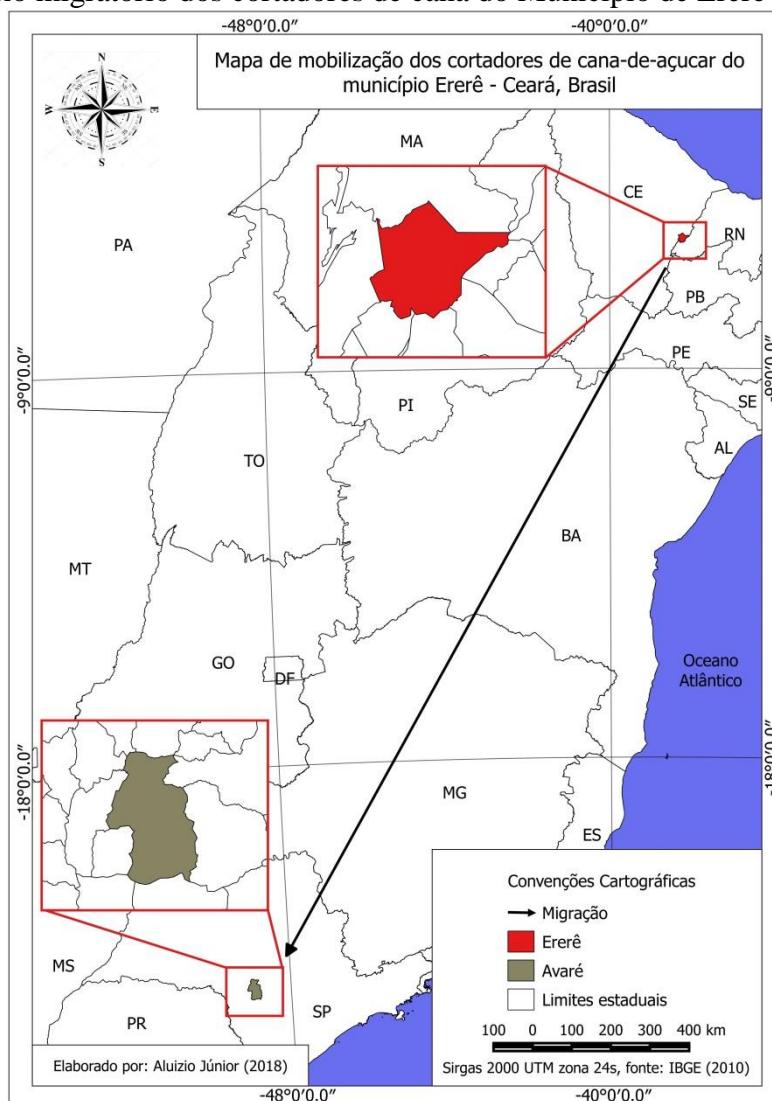
Do ponto de vista dos estados novas inflexões se revelam, assim, de acordo com Queiroz; Baeninger (2015) durante 1960/1970, o Maranhão (20,04%) e São Paulo (13,82%) se destacaram como polos de destino da população do Ceará. O estado de São Paulo tornou-se o principal local de destino (33,49% ou 155.672 indivíduos) dos fluxos a partir de 1970/1980, tendência que se manteve até o último Censo Demográfico de 2010. No último período analisado, as saídas se consolidaram para o estado de São Paulo (33,43%), seguido de longe pelo Rio de Janeiro (14,43%), Distrito Federal (5,31%) e Pernambuco (5,16%).

Em estudo recente, Queiroz; Baeninger (2017) chegaram as seguintes conclusões, as quais chamaram de “inflexões”, sobre a migração cearense:

Em síntese, durante as seis décadas em análise, constataram-se dois grandes eixos nas migrações interestaduais cearenses: i) um primeiro vetor, com raízes históricas, se dirigiu no sentido da região Norte (Pará e Amazonas) e Nordeste (Maranhão e Piauí), predominando até 1970; ii) um segundo vetor, num contexto contemporâneo – seguiu em direção ao Sudeste (São Paulo e Rio de Janeiro) e prevalece até os dias atuais.

Assim sendo, sair para outra região em busca de melhores condições continua fazendo parte da realidade desses trabalhadores migrantes, pois estes, mesmos sabendo das dificuldades encontradas no corte de cana, ainda migram, porque eles têm, nessa atividade, o caminho para se alcançar uma renda suficiente que os possibilite viver. Nesse sentido, Queiroz (2011) afirma que a migração da força de trabalho de uma região para outra se relaciona com a necessidade de melhorar o padrão de vida e à da falta de emprego na região de origem. No mesmo sentido, Oliveira (2015) considera que há uma “amplitude dos motivos”, quando analisa a migração de cortadores de cana para as plantações de Ribeirão Preto, principal área produtora do Brasil, e de Presidente Prudente, área de expansão recente.

Concordando com essas afirmações, os cortadores de cana de Ererê deixam seu lugar em decorrência da falta de emprego, pois o município, sendo uma localidade pequena, e pouco desenvolvida economicamente, não disponibiliza atividades assalariadas que atendam às necessidades dos cortadores migrantes. Assim, sem muitas opções, os trabalhadores safristas tendem a migrar para outras áreas produtivas deixando seu município, deslocando-se para o interior de São Paulo, mais precisamente para a cidade de Avaré (**Mapa 2**).

Mapa 2: Fluxo migratório dos cortadores de cana do Município de Ererê para Avaré

Elaboração: Bezerra Junior, 2018.

Neste contexto de desigualdades inter-regionais de acesso ao mundo do trabalho, verifica-se uma “dupla face do setor produtor de cultivos flexíveis (flex crops), agroprocessador de commodities e agrocombustíveis” isto é, de um lado composto por conglomerados empresariais de alta tecnologia e importância internacional, mas gerador dos piores indicadores sociais, como a “inclusão precária no mercado de trabalho” (THOMAZ JUNIOR, 2019, p. 251).

Diante do exposto, no primeiro momento, foi feita a seguinte pergunta para os trabalhadores entrevistados: Porque você trabalha no corte de cana e há quanto tempo você exerce essa atividade? Aqui o trabalhador denominado F. respondeu da seguinte maneira:

Nam, eu vem pra cá (Avaré) porque lá (Ererê) em nois não tem recurso de nada, ai eu venho pro lado de cá mesmo. Eu só venho pro lado de cá pra poder ajudar lá em casa, minha mãe, meus irmãos. Venho pra cá desde 2011, desde 2011 que trabalho aqui.

Complementando a fala acima, perguntamos assim: financeiramente vale a pena partir para o corte de Cana? Logo o trabalhador M. respondeu:

É vale, pra nois que não tem imprego. Porque a maioria das pessoa dai (Ererê) de nois vem pra cá (Avaré) porque não tem emprego, melhor que do que ficar ai sem ganhar nada.

Associado à falta de emprego, outro fator que influencia os trabalhadores canavieiros locais a migrarem é a baixa escolaridade, já que eles não possuem ensino fundamental e/ou ensino médios completo, dificultando ainda mais na busca de trabalhos com maiores remunerações no município. Considerando esses aspectos, de acordo com Guanais (2014, p. 266) “[...] o dinheiro da cana é extremamente valorizado pelos trabalhadores, não só porque assegura a sobrevivência de suas famílias, mas também porque proporciona um padrão de consumo diferenciado do que tinham antes de migrar”.

Concordamos com a autora, quando a mesma relata que os trabalhadores deixam seus respectivos locais de origem em busca de um trabalho assalariado nas usinas de açúcar do interior paulista. Assim, os migrantes de Ererê se deslocam diretamente da Praça da Matriz (**Fotos 1 e 2**), até a cidade de Avaré. A viagem ocorre através de ônibus disponibilizados pela empresa que faz o contrato dos trabalhadores. Os cortadores de cana permanecem no período de safra, que dura entre 6 (seis) a 9 (nove) meses, e só depois dessa temporada os trabalhadores retornam ao respectivo município.

Com a chegada dos trabalhadores em Avaré, os migrantes necessitam se adaptar a uma realidade completamente diferenciada. Novaes (2007) afirma que, com a chegada destes trabalhadores no interior de São Paulo, as usinas passam a expelir suas primeiras fumaças pela chaminé, representando o início da safra, sendo compreendido como o começo do trabalho nos canaviais.

Fotos 1 e 2: A Saída dos trabalhadores da Praça da Matriz, em Ererê, para Avaré.

Fonte: Acervo dos autores, 2018.

Contudo, o trabalho por ser caracterizado como um novo ciclo aumenta as expectativas dos trabalhadores. Longe de sua terra de origem e de suas famílias, os canavieiros passam a conviver não só com a dureza do trabalho, mas também, com muitos preconceitos por serem nordestinos (NOVAES, 2007).

O cortar da cana nem sempre é doce como o caldo que se toma, mãos sobre o facão

Exercer a tarefa do corte de cana é um trabalho árduo, sobretudo se exige resistência física, pois a produção em larga escala, a longa jornada de trabalho e a baixa remuneração são sentidas como parte do cotidiano dos indivíduos que se encontram nos canaviais. Mesmo diante dos grandes avanços tecnológicos, a prática do corte manual da cana de açúcar ainda ocorre em grande proporção, onde a produtividade ganha destaques nas grandes usinas do Brasil. Necessário destacar, neste sentido, as conclusões de Thomaz Junior (2019), pois o modernismo tecnológico não tem significado necessariamente o respeito aos direitos dos trabalhadores ou possibilitado as condições para que usufruam as benesses do desenvolvimento.

Nunes; Silva; Cordeiro (2016) destaca que, na atualidade, o processo de mecanização trouxe uma redução no número de trabalhadores contratados nas grandes usinas do estado de São Paulo. No entanto, muitas usinas canavieiras ainda contratam trabalhadores para o corte manual, uma vez que o processo de mecanização ainda não atingiu, por completo, a área dos canaviais. Entretanto, processos produtivos baseados no slogan do “ecologicamente correto” impactaram nas atitudes das indústrias canavieiras quanto ao fim da queima da cana-de-açúcar e o fim do corte manual, pois as toneladas de

cana cortadas quando queimadas é muito maior se comparado à cana crua, não queimada (NERY; SANTOS, 2016). Navarro; Rosa (2014) descreve um exemplo ilustrativo desta realidade, associando queimada, produtividade e salário, em canavial de Ribeirão Preto:

Durante a realização da pesquisa, tivemos acesso a um contrato de trabalho firmado entre o Sindicato dos Empregados Rurais de Guariba e a LDC Bioenergia S/A, com vigência entre maio de 2008 a abril de 2009. Nele, o piso salarial foi estabelecido em R\$ 557,00 (quinhentos e cinquenta e sete reais)/mês, o que equivale a uma diária de R\$ 18,57 (dezoito reais e cinquenta e sete centavos). Desta forma, um trabalhador que não recebesse o piso salarial teria que cortar cerca de seis toneladas de cana em pé de 18 meses queimada ou cerca de três toneladas de cana crua pé de rolo por dia para receber o equivalente ao salário-base (p. 150).

Assim, para se alcançar altos níveis de produtividade, as usinas impõem como meta para uma melhor remuneração ao cortador da cana, a maior quantidade de cana cortada possível, visando, na verdade, obter mais valia sobre a mão de obra canavieira. Este processo acontece, muitas vezes, com “programas de treinamento” da mão-de-obra para conseguir aumento de produtividade (NOVAES, 2007), mas representa, sobretudo, controle sobre os cortadores de cana em contextos de modernização (ALVES, 2006, 2008; NOVAES, 2007).

Entende-se, portanto, para que o trabalhador seja bem remunerado, ele necessite trabalhar incessantemente durante todo o dia. Porém, o que ocorre, na maioria das vezes, é que os trabalhadores safristas são submetidos a viver em um cenário perverso e desumano com o objetivo de melhorar, ao menos minimamente, sua remuneração.

Diante disso, Santos e Souza (2012) retratam em sua obra a real e atual situação do trabalhador canavieiro no panorama do cultivo da cana de açúcar, abordando a precarização das difíceis condições dos trabalhadores que compõem o corte da cana. Nessa perspectiva, os autores relatam que o açúcar e o álcool são “doces” para as questões econômicas e para o agronegócio, mas o trabalho passa a ser “amargo” para o trabalhador. Dessa forma, desejando saber se os cortadores possuíam ideia de quantas toneladas de cana cortavam por dia, o migrante P logo afirmou que “*a gente corta por metro, pode ser duzentos (200) metros, trezentos (300) metros, depende da cana, né. Às vezes, eu chego a cortar oito (8) tonelada por dia*”. Assim,

Embora os cortadores de cana recebam o salário mínimo, eles ganham um adicional por produção. Para receberem o salário-dia, eles precisam cortar uma média de três toneladas diárias de cana previstas no dissídio coletivo do campo,

porém, muitos no intuito de aumentarem a sua renda, fazem mais do que a diária, estendem a sua produção para cinco, seis, nove toneladas e isso gera uma sobrecarga maior de trabalho e de tempo (BELTRÃO, 2012. p.102).

Não diferente disso, os trabalhadores migrantes de Ererê exercem atividades árduas no corte de cana, no qual a força de trabalho dos assalariados passa a ser identificada como um dos principais utensílios para uma boa produtividade. A variação do pagamento que é oferecido aos cortadores permite manter ou complementar ainda mais a produção exercida pelos trabalhadores. Assim, os trabalhadores tendem a produzir mais para melhorar sua renda.

Sobre isso, é necessário salientar com Ramalho (2014) que o trabalhador continua sendo remunerado abaixo do valor de sua força de trabalho, o que implica em uma superexploração. Afinal, mesmo produzindo muito, o valor pago a estes trabalhadores nem sempre atende às suas necessidades.

Diante disso, são evidentes as dificuldades do trabalho nas usinas. Desse modo, Alves (2006) destaca que o trabalho inclui além do corte em si, o corte a parte de cima da cana (ponteira), onde ficam as folhas verdes. Posteriormente, transportam a cana cortada para um local específico e, em seguida, as arrumam em montes. Dessa forma, é possível notar a complexidade existente, na qual o migrante canavieiro é obrigado a desempenhar múltiplas funções (**Fotos 3 e 4**).

Fotos 3 e 4: Trabalhadores de Ererê no corte e carregamento da cana de açúcar



Fonte: C. M. N, 2018.

Na busca do entendimento sobre o porquê dos trabalhadores realizarem a atividade do corte da cana, o migrante D afirmou: “*corto cana porque eu acho bom mesmo, acho bom*”. Nunes; Silva; Cordeiro (2016) lembra que relatar que um trabalho é bom não

significa dizer que os indivíduos que realizam suas atividades não tenham consciência dos aspectos desumanos nos quais estão inseridos.

Assim, para termos esta confirmação, quando indagado sobre as condições de trabalho encontradas nos locais do corte de cana, o migrante D relatou: “*São regulares, trabalha bastante, às vezes nois nem tem folga*”. Assim, diante da resposta do entrevistado, percebemos que o mesmo trabalhador que respondeu que gosta de cortar cana, é o mesmo trabalhador que deixa claro que as condições de trabalho ainda que regulares aponta para o sentimento de exploração ao não se ter folga no trabalho, em alguns momentos. Isso implica dizer que, em períodos de tempo, os trabalhadores de Ererê trabalham de domingo a domingo.

Logo, essa questão nos remete ao adoecimento no trabalho (ANTUNES; PRAUN, 2015), a relação entre o agrohidronegócio e o “descarte de trabalhadores” (BENTO; THOMAZ JUNIOR, 2019) bem como entre superexploração e a saúde, pois seja para os “trabalhadores residuais” no corte de cana ou para os trabalhadores incorporados ao trabalho mecanizado às chances de adoecimento físico e mental é uma realidade sempre presente, particularmente com as “metas de produção” e a “pressão psicológica” associada (THOMAZ JUNIOR, 2017).

No mesmo sentido, perguntado sobre o que acham da usina em que trabalha, o cortador M. revela duplas dimensões da labuta diária, sobre o bom e mau:

Ne muito bom não, tem umas partes que é boa outras que não é. Porque por uma parte nois mora longe da cidade, nois só vai lá no pagamento e no alojamento na parte do banheiro é muito seboso. É bom mesmo pra ganhar um dinheirinho, mais pra morar mesmo né bom não.

Diante da fala do migrante, é possível notar que não só os canaviais são caracterizados como um local ruim. Visto que o alojamento, que deve ser compreendido como um ambiente próprio para o descanso e moradia dos trabalhadores, não possui as condições adequadas de conforto e de saúde. Assim, os cortadores de cana do município de Ererê não usufruem dos requisitos apropriadas que esse local deveria possuir, o que implica, na maioria das vezes, na dificuldade de recompor as energias para o dia seguinte no trabalho. Além disso, a distância do centro da cidade também é uma dificuldade, pois os trabalhadores só o frequentam para receber o pagamento, mensalmente.

Mais uma vez nós apontamos nas ideias de Beltrão (2012) no qual, em sua obra, é possível identificar caracterização do espaço do alojamento nas usinas açucareiras, segundo a autora, dormitórios, cozinhas e banheiros são coletivos, sendo que o alojamento passa a ser composto por vários quartos, nesses quartos são disponibilizadas beliches com colchão e armários individuais para que os cortadores de cana possam guardar seus objetos pessoais e também alguma alimentação que sejam por eles compradas, não possuindo janelas nos quartos apenas o cobogós e ventiladores para facilitar a circulação do ar.

Neste sentido, buscou-se compreender um pouco mais a respeito do dia a dia dos trabalhadores erereenses. Para tanto, adentrando em questões menos evidentes do trabalho de corte de cana, procuramos saber como são as condições dos alojamentos e da alimentação? Quantas refeições são feitas ao dia? Essas refeições são “bem reforçadas”? Neste momento, sentimentos de indignação se somam à força e resiliência em cada migrante, ao cortador M. comentar:

A alimentação, a maioria da mistura é frango e carne moída, Só. Tem dia que o arroz vem cru, pouco feijão na marmita. Alojamento tem os quartos, é um quarto pra doze pessoas, fica meio imprensado. E, nós merenda, almoço e janta, três. Mais depois nós come outra coisa por fora, uma bolacha um pão com mortandela, que nós compra, as refeições é muito fraca.

Percebe-se que o cotidiano dos cortadores de cana é amargo, sendo dolorido não só na prática do cortar da cana, mas também, diariamente nos momentos das refeições, pois, nota-se que a empresa nem sempre dispõe de uma alimentação saudável no qual os trabalhadores possam ficar bem alimentados para enfrentar o trabalho pesado de seu cotidiano.

Paralelamente a isso, buscou-se adentrar no mundo vivido de cada um, no lazer, os dias de folga, as interações sociais, o descanso. Sim, a força de trabalho precisa descansar e viver a vida em toda sua plenitude, além do trabalho. Assim, nos respondeu o migrante P.:

Quando tem (folga), é no domingo, ai quando eu não vou jogar futebol, eu vou na cidade comer um churrasco e tomar uma mais os amigos, e depois volta para o trabalho, só isso.

Segundo a fala do entrevistado, percebe-se que o momento de lazer dos trabalhadores, é caracterizado pelo jogo de futebol, e pela saída com os amigos para o centro de Avaré, sendo um meio de distração que possibilita um momento descontraído e sem a obrigação diária do trabalho tão árduo a que são submetidos.

Dessa maneira, esse momento possibilita relembrar os instantes de quando estão em seu lugar de origem. Todavia, mesmo identificando esse momento de descontração e folga dos cortadores de cana, notamos também alguns outros momentos em foi possível os migrantes não estarem realizando o seu diário trabalho manual. Conforme iremos notar abaixo nas figuras (**Fotos 5 e 6**).

Fotos 5 e 6: Trabalhadores acessando internet e jogando dominó na folga de domingo.



Fonte: C. M. N, 2018.

Segundo cortadores de cana, estes usufruem dos domingos quando são lhes dados para o descanso, mas, não se esquecem de suas responsabilidades no corte da cana (**Fluxograma 1**). Ao considerarmos o fluxograma, percebe-se que, aos Domingos, os cortadores de cana dispõem de pouco tempo para a distração, não podendo esquecer que no dia seguinte estes necessitam “voltar para o eito”, retornando a sua rotina diária.

Diante da responsabilidade no trabalho do corte de cana, perguntou-se aos trabalhadores se acreditavam que o trabalho no corte da cana de açúcar poderia melhorar? Como? Aqui o migrante M. respondeu o seguinte:

Agora aí eu num sei explicar se pode mudar né. Porque os povo que vem pra cá espera que mude, mais os mais velhos qui vinheram primeiro diz que tá tudo do mesmo jeito, eu espero que um dia mude.

Fluxograma 1: Fluxograma sobre o uso do tempo de folga dos cortadores de Ererê.

Fonte: elaboração própria com base em pesquisa de campo, 2019.

Com a fala do trabalhador, é possível notar que os trabalhadores têm a esperança de mudança no trabalho, pois diante das atividades pesadas e da má alimentação os migrantes se sentem prejudicados. Assim, mesmo diante de políticas de direitos conquistados, necessita-se ainda da implantação de muitas políticas-públicas voltadas para o trabalho no corte de cana.

A esperança de retorno: os olhos para calendário

Mesmo que o deslocamento dos trabalhadores safristas ocorra de maneira sazonal, onde o migrante retorne ao seu local de origem depois de certo período, os cortadores de cana carregam em si a esperança de retorno, a vontade de reencontrar seus familiares e voltar para sua região de origem torna-se algo inevitável. Assim, os pensamentos constantes passam também a fazer parte do cotidiano dos migrantes, onde estes não carregam somente em suas mãos um facão como auxílio para exercer o seu trabalho, trazem também o desejo de retornar ao seu lugar.

Nessa perspectiva, os trabalhadores erereenses, mesmo trabalhando dia a dia, passam a sentir falta do seu local de origem, tendo a vontade de retornar e permanecer em seu lugar. Desse modo, buscou-se saber quais os sentimentos mais frequentes que surgem quando estão longe da família, de casa, do seu município realizando esse trabalho? O trabalhador M. respondeu:

Só a saudade que fica apertando por dentro e da vontade da gente ir embora pra casa, mais aí a gente tem que superar e ficar. Pois é, sinto falta de minha família, dos amigos que fica, das brincadeiras, dos futebóis que nós joga todos os dias, e aqui nois num brinca todo dia, só trabalha mesmo.

Portanto, o lugar, sendo um local de lembranças e afetividades, faz os trabalhadores de Ererê sentirem a vontade de voltar, tendo em vista que, em seu município, é onde se encontra suas vivências, seus familiares e suas lembranças.

Paralelamente a isso, os migrantes, por trabalharem muito e ganharem pouco, sentem o desejo de retornar, pois a saudade dos que ficam é marcante. Porém, devido ao estilo de vida que vive no seu lugar, os trabalhadores possuem consciência do dever de permanecer no trabalho pesado para adquirir recursos para levar para casa após o término da safra.

Neste sentido, questionamos dessa forma: Se lhe fosse dada em seu município alguma outra oportunidade de emprego, você deixaria de ir para o corte de cana? Por quê? Trabalhador D. respondeu: *Deixaria sim, porque fica mais perto da família, de casa, está em casa é melhor do que tá no mundo. Tá em casa é melhor do que tá longe da família.* Diante da fala do trabalhador aqui em destaque, percebe-se o desejo de estar em sua terra natal e a vontade de permanecer com os seus familiares, desempenhando um trabalho digno, e que através deste não seja necessário ir para longe buscar outras alternativas.

Contudo, buscou-se saber o seguinte: Quando você retorna ao seu lugar, quais são os sentimentos que surgem? O trabalhador F. respondeu: *é bom, muito bom, só em tá perto da família da pessoa já é bom de mais. É como se a pessoa sentisse um alívio quando chega em casa.*

Neste sentido, Tuan (2013) afirma o lar é identificado como o resultado de experiências íntimas e aconchegantes. Diante da fala do trabalhador, são destacadas as expressões bom e alívio, pois apesar das expectativas da ida, os trabalhadores migrantes de Ererê priorizam o retorno, à volta para casa, sendo lá o lugar onde ficam seus familiares e todas as suas experiências vividas.

Diante disso, pedimos para que os trabalhadores definissem em uma só palavra o processo migratório, aqui os quatro trabalhadores que foram entrevistados (M. D. F e P) definiram o deslocamento sazonal como “*ruim*”, pois este período é um momento de se realizar um trabalho exaustivo além de enfrentar a saudade da cidade natal.

Portanto, retornar a sua região de origem para um trabalho remunerado faz parte dos sonhos dos cortadores de cana do município de Ererê, pois como lembra Tuan (2012) as forças econômicas e sociais moldam fortemente nossos estilos de vida, assim como a consciência do passado é um elemento importante no amor pelo lugar. Portanto, viver em busca de uma vida digna é uma realidade dos que migram em busca de trabalho que priorize necessidades principais, mas, aqueles que vão carregam a consciência do passado, permanecendo com sentimentos frequentes que lembram seu lugar.

Considerações finais

Levando em consideração os aspectos aqui citados, esta pesquisa possibilitou identificar o cotidiano dos cortadores de cana na cidade de Avaré, local este onde os mesmos realizam suas atividades de trabalho. Neste sentido, este estudo identificou as causas que contribuem para que os migrantes se desloquem do município de Ererê para o corte de cana, no interior de São Paulo.

Com isso, constatou-se que uma das possíveis razões que contribui para as migrações dos canavieiros safristas é a falta de emprego no referente local de origem dos trabalhadores. Assim, estes se deslocam a partir das migrações Sazonais para a cidade de Avaré, em busca de melhores condições de vida.

Diante disso, identificar as condições de vida dos canavieiros no corte de cana, passa a ser importante também para uma reflexão da sociedade sobre as políticas públicas que impactem em resultados favoráveis, conseguindo possibilitar melhores condições de trabalho para os canavieiros. Contudo, sabe-se que as circunstâncias de vida de muitos trabalhadores se modificaram ao longo do tempo, através de muitos direitos conquistados, mas é crucial uma política de gestão que favoreça melhores condições de trabalho para as atividades desempenhas no cotidiano dos migrantes na cidade de Avaré.

Contudo, a intensão desta pesquisa é contribuir com algumas políticas públicas para garantir um pouco mais de bem-estar dos indivíduos que praticam o corte manual da cana de açúcar. Trazendo ainda compreensão da população Erereense para que estes saibam de fato o contexto social no qual os trabalhados se inserem ao deixar sua região de origem.

Assim sendo, esse trabalho oportuniza para que a gestão pública do município do Ererê construa intervenções no referente município, possibilitando para os migrantes

safristas a geração de empregos, para que esses habitantes não necessitem do deslocamento para outro contexto social em busca de trabalho e melhores condições de vida.

Referências

ALVES, F. J. da C. Por que morrem os cortadores de cana? **Saúde e Sociedade**, v. 15, n.3, p. 90-98, 2006. Disponível em: <<http://www.observatoriodeseguranca.org/files/morte-cortadores-cana.pdf>>. Acesso em: 09 Nov. 2018.

_____. Trabalho e trabalhadores no corte de cana: ainda a polêmica sobre o pagamento por produção e as mortes por excesso de trabalho. In: BISON, N.; PEREIRA, J. C. A. (Orgs.). **Agrocombustíveis, solução?** A vida por um fio no eito dos canaviais. São Paulo: CCJ, 2008. p. 22-48.

ANTUNES, R.; PRAUN, L. A sociedade dos adoecimentos no trabalho. **Serv. Soc. Soc.**, São Paulo, n. 123, p. 407-427, set. 2015. DOI <http://dx.doi.org/10.1590/0101-6628.030>. Acesso em 14 out. 2019.

BELTRÃO, Joyce de Melo. **Os nós da cana:** a linguagem dos riscos no cotidiano do cortador de cana em usina de açúcar de Pernambuco. Recife, 2012. 178 folhas. Dissertação (mestrado) - UFPE, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-graduação em Psicologia. Recife, 2012.

BENTO, F. dos S.; THOMAZ JUNIOR, A. Os desafios para a construção de uma Geografia do trabalho no início do século XXI em meio ao adoecimento e descarte de trabalhadores no agrohidronegócio canavieiro na região administrativa de Presidente Prudente (SP). **Revista Pegada**, v. 20, n. 1, p. 37-61, Janeiro-Abril, 2019. Disponível em: <http://revista.fct.unesp.br/index.php/pegada/article/view/6133/pdf>. Acesso em: 14/10/2019.

CARDOSO, H. J. M.; ALVES, F. D. **A migração sazonal para a colheita do café em carmo do Rio Claro-MG.** Disponível em: <<https://www.unifal-mg.edu.br/simgeo/system/files/anexos/Haroldo%20Junior%20Martins%20Cardoso.pdf>>. Acesso em: 25/08/2018.

CHIAPETTI, R. J. N. Pesquisa de campo qualitativa: uma vivência em geografia humanista. **GeoTextos**, v. 6, n. 2, p. 139-162, dez. 2010. Disponível em: <<https://portalseer.ufba.br/index.php/geotextos/article/viewFile/4834/3583>>. Acesso em: 28/08/2018.

COSTA, A. L. dos S.; GUMIERO, G. D. A influência da migração nordestina e o desenvolvimento da cana-de-açúcar no município de Morro Agudo (SP). In: XII ENCUESTRO DE GEÓGRAFOS DE AMÉRICA LATINA: caminado por una América Latina en transformación, 2009, Montevideo. **Anais do XII Encuentro de Geógrafos de**

América Latina: caminado por una América Latina en Transformación,
Montevideo, 2009. s. p.

DALFOVO, M. S.; LANA, R. A.; SILVEIRA, A. Métodos quantitativos e qualitativos: um resgate teórico. **Revista Interdisciplinar Científica Aplicada**, Blumenau, v.2, n.4, p.01-13, 2008.

GUANAIS, J. B. Vida e trabalho dos cortadores de cana: Migração, assalariamento temporário e labor nos canaviais paulistas. **Revista de Ciências Sociais**, v. 4 n. 1, p.260-290, jan./jun. 2014. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/seculoxxi/article/viewFile/15654/9423>>. Acesso em: 01/04/2018.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **População de Ererê**. 2010. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ce/ererere/panorama>>. Acesso em: 08/08/2018.

MORAES, M. A. D. F. et al. Migração espontânea de trabalhadores no setor sucroalcooleiro. IN: CONGRESSO DE SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO E SOCIOLOGIA RURAL, 46, 2008, Acre. s. p. Disponível em: <<http://www.sober.org.br/palestra/9/303.pdf>>. Acesso em: 20/10/2019.

NAVARRO, V. L. ROSA, L. A. Trabalho e trabalhadores dos canaviais: perfil dos cortadores de cana da região de Ribeirão Preto (SP). **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, v. 17, n. 1, p.143-160, 2014. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/cpst/article/view/112338/110302> > Acesso em 18/10/2019.

NERY, N. C. S.; SANTOS, J. C. dos. O fim do corte manual da cana de-açúcar e o “fim” do cortador de cana: a conjuntura dos trabalhadores migrantes na microrregião de Ituiutaba – MG. **Revista Pegada**, v. 17, n. 1, p. 143-172, julho, 2016. Disponível em: <<file:///C:/Users/Joao%20Filho/Downloads/47881-Texto%20do%20artigo-208088-2-10-20171027.pdf> >. Acesso em: 18/10/2019.

NOVAES, J. R. P. Dores e febres nos canaviais paulistas. **Revista Estudos Avançados**, v. 21, n. 59, p. 167-177, 2007. Disponível em <<http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/10213/11816> >. Acesso em: 18/10/2019.

NUNES, D. M. P. SILVA, M. S. CORDEIRO, R. L. M. A experiência de trabalho e dos riscos entre os trabalhadores-migrantes nordestinos nos canaviais paulistas. **Saúde Soc.** São Paulo, v.25, n.4, p.1122-1135, 2016. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v25n4/1984-0470-sausoc-25-04-01122.pdf>> Acesso em: 12/10/2018.

OLIVEIRA, R. A. D. de. Mobilidade espacial dos cortadores de cana: dimensões e significados recentes. **Revista Pegada**, v. 16, n.1, 42-78, julho , 2015. Disponível em <<http://revista.fct.unesp.br/index.php/pegada/article/viewFile/3419/3017> >. Acesso em: 18/10/2019.

QUEIROZ, S. N. de; BAENINGER, R. Evolução das Migrações Interestaduais Cearenses: Análise para os Decênios de 1960/1970, 1970/1980, 1981/1991, 1990/2000 e 2000/2010. In: FUSCO, R. O. W. **Migrações Nordestinas no Século 21 - Um Panorama Recente**, São Paulo: Editora Edgard Blücher, 2015. p.27-50. Acesso em: <<http://dx.doi.org/10.5151/BlucherOA-ojimaufusco-05>>. Acesso em: 11/10/19.

_____. Migração interestadual cearense: tendências e inflexões durante o período de 1950 a 2010. **Geografares**, Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia e do Departamento de Geografia da UFES, p. 22-39, Julho-Dezembro, 2017. Disponível em: <http://www.periodicos.ufes.br/geografares/article/view/17006>. Acesso em: 11/10/19.

QUEIROZ, V. S. A remigração na teoria econômica. In: _____. **Migração de Retorno, diferenciais de salário e autosseleção**: Evidências para o Brasil. A remigração na teoria econômica. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 2011. p. 17-23.

RAMALHO, C. C. **Os migrantes cortadores de cana do vale Jequitinhonha**: entre a superexploração e a resistência. 141 f. Dissertação (Mestrado em Política Social) - Universidade Federal do Espírito Santo, 2014.

SANTOS, A. M. F. T. SOUZA, F. E. Cana doce, trabalho amargo: a superexploração do trabalhador canavieiro no município de Itaberaí-go. **Revista Pegada**, v. 13, n.2, p. 1-26, dez. 2012. Disponível em:< <http://revista.fct.unesp.br/index.php/pegada/article/viewFile/1599/1926>>. Acesso em: 18/10/2019.

STECANELA, N. O cotidiano como fonte de pesquisa nas ciências sociais. **Conjectura**, Caxias do Sul, v. 14, n. 1, p. 63-75, jan./maio, 2009. Disponível em: <<https://www.ucs.br/site/midia/arquivos/cotidiano.pdf>> Acesso em: 20/09/2018.

THOMAZ JUNIOR, A. Degradação sistêmica do trabalho no agrohidronegócio. **Mercator**, Fortaleza, v. 16, p. 1-20, 2017. DOI: <https://doi.org/10.4215/rm2017.e16020>.

_____. Novos territórios da degradação sistêmica do trabalho (em tempos de desproteção total e inclusão marginal institucionalizada). **Terra Livre**, v. 1, n. 52, p. 234-277, jan.-jun. 2019. Disponível em: <<http://www.agb.org.br/publicacoes/index.php/terralivre/article/view/1597>>. Acesso em 14/10/2019.

TUAN, Y. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Tradução de Lívia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2012.

_____. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. Tradução de Lívia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2013.

Recebido em 19/03/2019. Aceito para publicação em 08/09/2019.
--